

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Guimarães Rosa: O mineiro genial

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Já o conhecia como nome de destaque na literatura brasileira, e algumas frases consagradas por ele: “Viver é muito perigoso”, “As pessoas não morrem, ficam encantadas”. Ao me aprofundar na leitura da sua obra me identifiquei com o amor, paixão mesmo, com que descreve o intenso e complexo sertão com toda a variedade de vida, paisagem, calamidades num misto de frases e palavras nossas conhecidas, num destemor imaginativo e singular. Acrescenta uma linguagem que faz a sua literatura única e inconfundível. Mas, confesso que, fico um tanto atônita e maravilhada diante da descrição rica e versátil, onde ora surge parte da verdade de um sertão que conheço, mas descrita de modo tão peculiar onde paisagem, tipos humanos, situações, animais e fenômenos naturais se apresentam espetacularmente autênticos e ricamente imaginativos.

As expressões comparativas são de uma riqueza poética que nos faz sonhar! Confesso, não é leitura fácil, faz-se necessário atenção para decifrar sua linguagem figurada. O livro com o qual me deleitei e surpreendi diante da riqueza de detalhes, neologismos, linguagem poética e única, foi “Sagarana”, sua primeira obra publicada em 1946, que lhe deu notoriedade.

Sua literatura é peculiar: escrita livre, verdadeira, imaginativa e reinventada. Natural de Cordisburgo, interior de Minas Gerais, onde passou sua infância ricamente vivida. Guimarães Rosa foi médico, diplomata, viajou para o exterior como representante do governo brasileiro, mas, sua obra impressiona pela tipicidade da vivência intensa dos elementos regionais. Onde a beleza das Minas Gerais, o vigor, a coragem e a rusticidade do sertanejo, as brincadeiras e as danças da infância, o real e o fantástico se fazem presentes. Vamos nos deliciar com suas demais obras e conhecer mais desse mineiro arretado.

Colar de girassol: Usar ou não usar é a questão?

Thame Ferreira
thame.gomes@gmail.com

Quero propor um pacto ético: ler este texto pelo prisma da Débora Diniz, pesquisadora e professora da UNB (Universidade de Brasília), entendendo a deficiência como questão de justiça social, e não problema individual. Tenho pensado em comprar um colar de girassol, embora me incomode vê-lo como produto em lojas e não como direito garantido no SUS (Sistema Único de Saúde). Reluto diante do mercado que se formou em torno da minha vivência após o diagnóstico tardio de autismo.

Quero viver com autonomia: trabalhar, estudar, circular, cuidar dos meus. Mas o cotidiano empurra ao isolamento e *burnout*. Me pergunto: se estivesse usando o colar, teriam sido mais gentis? Menos capacitistas? Ele funcionaria como um amuleto anticapacitista?

Se sim, usar seria óbvio. Mas, sem ele, estou autorizando o esquecimento dos meus direitos? Preciso de um “look autista” para acessar respeito?

As dúvidas permanecem, mas a violência

cotidiana não permite espera: mês que vem, compro um. Volto depois para dizer se encontrei acolhimento ou outro tipo de isolamento, uma marca visível que afasta, o preconceito pode se autoalimentar quando barreiras são impostas e silenciadas, portanto, precisamos falar disso.

Um mundo que exige respostas automáticas ignora que existir é conviver com diferenças. Comunicar solicita reconhecer o outro, lembrar que viver já é difícil, com ou sem colar.

E se eu preferir uma guia de Oxalá? Talvez me proteja mais. Ou talvez os dois. Nossas contradições atravessam quem somos, nossas cosmologias e a luta por direitos. E não podemos nos apagar para caber no esperado.

Falo do convívio cotidiano. Talvez esse ideal de “humano” tenha apagado mais do que acolhido. Busco outro modo de ser, onde eu caiba.

Fica a provocação: diante de dois educadores em um museu, dois vendedores em uma loja, um com colar e outro sem, a quem você se dirige?

Antes do objeto, há uma pessoa pulsante, desejando conexão e pertencimento.

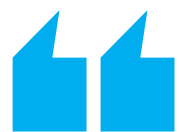
O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Sertão

Paulo Sérgio Barros
Professor, escritor, mestre em História e doutorando em Educação

Pelas trilhas do sertão observávamos os passarinhos, semeávamos milho e feijão. E o homem velho lapidava a madeira à sombra da oiticica. Pelas veredas do sertão vivíamos tantos sois e luas, fazíamos fogueira e serão. E a mulher velha trançava palhas de carnaubeira no alpendre. Pelas estradas do sertão íamos à roça, à escola, à casa dos avós, vivíamos inverno e verão, festa e oração. E as mulheres jovens eram esperançosas com seus meninos e meninas. Pelos campos do sertão cultivávamos esperanças de sol e chuva, preenchíamos de sementes a vida e o chão. E os homens jovens colhiam melancia, jerimum e alegria. Pelos sonhos do sertão contávamos estrelas cintilantes, cadentes. Ouvíamos a coruja, o bem-te-vi e o carão. Éramos crianças livres como bichos, livros, bolas de meia, sonhos. Pelas utopias do sertão semeávamos esperanças, alimentávamo-nos de grão, amor e pão. Éramos todos homens e mulheres tecendo vidas.



Pelos campos do sertão cultivávamos esperanças de sol e chuva, preenchíamos de sementes a vida e o chão.

CARLUS CAMPOS



Fortaleza barulhenta demais

Edivan Batista Carvalho
Especialista em Análise Econômico-Financeira, Crédito e Planejamento

A poluição sonora em Fortaleza continua a ser um problema grave e sem nenhuma providência das autoridades.

Automóveis e motocicletas com escapamentos adulterados ou inexistentes, além de veículos com equipamentos de som em volume excessivo, circulam livremente pelas ruas, sem qualquer fiscalização efetiva.

O resultado é um ambiente urbano marcado por ruído constante, que compromete o descanso, o sono e a saúde da população.

Estudos associam exposição contínua ao barulho a estresse, distúrbios do sono, perda auditiva e agravamento de doenças cardiovasculares. Os efeitos são ainda mais severos para idosos, crianças, pessoas hospitalizadas e indivíduos com transtorno do espectro autista.

Apesar da gravidade da

situação, cresce entre os cidadãos a percepção de omissão do poder público.

O Código de Trânsito Brasileiro é claro: o artigo 230, incisos VII e XI, prevê penalidades para veículos com descarga livre ou silenciador defeituoso, incluindo multa, retenção do veículo para regularização e pontos na CNH. Ou seja, a legislação existe e oferece instrumentos suficientes para coibir abusos.

O problema parece não ser falta de legislação, mas incompetência em sua aplicação.

A Prefeitura dispõe de estrutura administrativa, agentes de fiscalização e instrumentos legais capazes de enfrentar o problema.

O que falta é fiscalização contínua, presença nas ruas e prioridade política para proteger o bem-estar coletivo.

O direito ao silêncio urbano não é capricho nem luxo. Trata-se de condição básica de saúde pública, convivência civilizada e qualidade de vida.

Passados setenta e dois anos

Benevides Machado de Carvalho
Poeta, agrônomo

Uma ideia, saída de Dom Benedito Primeiro filho Padre, da terra Lutar em prol da Educação, favorito! À época, venceu uma grande guerra. A situação econômica, no geral Obstaculava seu bom andamento Porém, usando seu forte potencial Frutos, em franco amadurecimento. A primeira semente a germinar Deu como fruto, o educandário Um pequeno vergel, a muitos alimentar Dando ao Município, prósperos comentários. Caminhando a largos passos Sobre caminhos, às vezes, espinhentos Ideários, vencendo os embargos Nasce o ginásio, com novos ensinamentos. Mil novecentos e cinquenta e sete Mês de março! O exame de admissão Em Coreaú, novo semblante, reflete Ginásio Nossa Senhora da Piedade, em ação. Entre esforços e dificuldades Dezembro do ano sessenta, maravilhoso! Jovens, em novas possibilidades Primeiros humanistas em treze, no brioso. foi um pomar, deveras instalado pelo então, padre Benedito enxertos, por ele, bem trabalhados Produzindo frutos, em ótimos requisitos. Por este Brasil afora Frutos daquele pomar, são procurados Os atendimentos, são feitos, sem demora Já que, em qualquer Estado, são fáceis, aclimatados. Resumindo o que acima foi rimado Concernente, ao que Coreaú recebeu Até hoje, Dom Benedito, o de maior legado Beneficiando, do opulento ao plebeu. Meus sinceros agradecimentos a dom Benedito Francisco de Albuquerque.